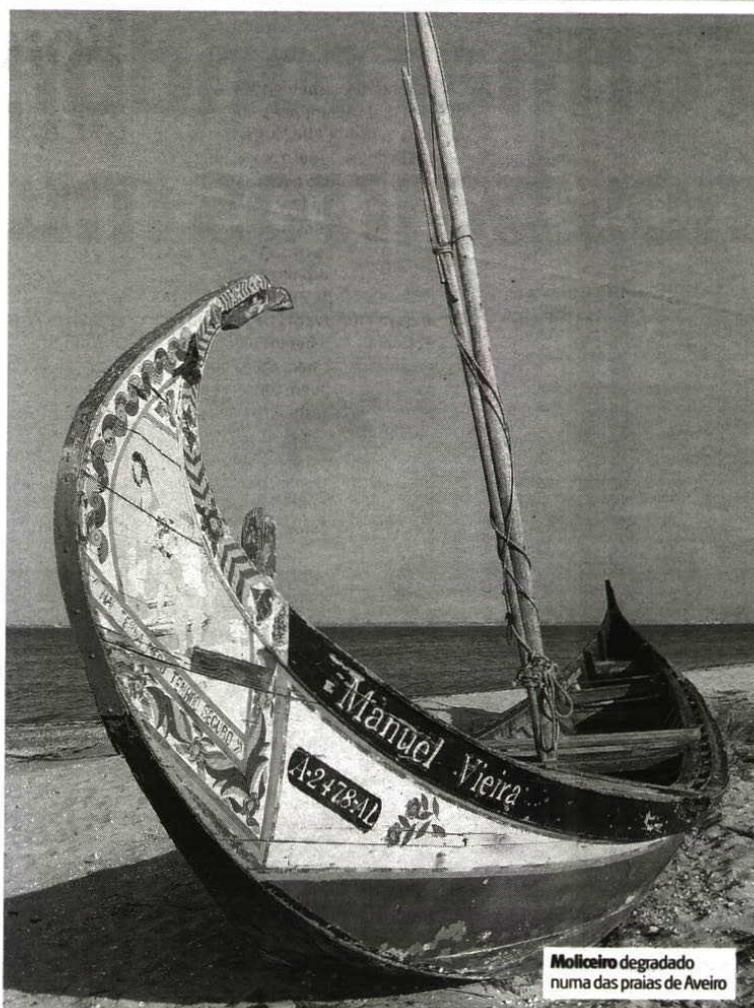


Regata juntou, ontem, na ria de Aveiro, 13 embarcações



Moliceiro degradado numa das praias de Aveiro

# Derradeiros moliceiros correm para não morrer

**Aveiro** Regata juntou centenas de espectadores. Tradição está em risco

ZULAY COSTA  
actualidade@jn.pt

A regata de moliceiros juntou, ontem, os últimos sobreviventes das típicas embarcações aveirenses. Associação AMIRIA pede protecção e alerta para redução drástica de número de barcos, aproveitados pelo sector turístico para passear turistas.

O moliceiro "Doroteia Verónica", propriedade de Gonçalo Vieira, foi o vencedor da regata de moliceiros da ria de Aveiro, que ontem levou 13 embarcações a cruzar as águas entre o porto de abrigo da Torreira e a cidade de Aveiro. Demorou quatro horas e meia devido à falta de vento, um contratempo que fez desesperar mestres e centenas de espectadores que acompanharam a partida e a chegada.

Os moliceiros que aceitaram o desafio da Associação dos Amigos da Ria e do Barco Moliceiro (AMIRIA) para esta prova são dos últimos sobreviventes destas embarcações típicas da ria. Apesar do incremento do sector turístico, o número de moliceiros tem vindo a decair de forma preocupante. Manuel Augusto Oliveira, presidente da AMIRIA, afiança que, "em 1972, estavam registados na capitania do Porto de Aveiro cerca de 1000 moliceiros".

Hoje, "há entre duas a três dezenas em bom estado e a funcionar". As embarcações, que antigamente recolhiam molicho da ria para adubar campos, sobretudo entre Mira e Murtoza, emprestando colorido às águas, estão "para-das a apodrecer" e carecem de

"protecção pelo seu interesse histórico e cultural", diz.

Em Aveiro, o aproveitamento turístico já começou. Actualmente, há quatro empresas a operar na cidade, proporcionando passeios de moliceiro aos turistas, maioritariamente portugueses e espanhóis.

A oferta inclui viagens de 45 minutos que percorrem quatro canais urbanos da ria. Algumas empresas adicionam viagens até S. Jacinto e Torreira, passeios nocturnos para casais ou complementados com ovos-moles e espumante a bordo.

Porém, as pontes baixas nos canais urbanos da cidade levaram os operadores a incluir motores, tirar mastros e cortar as bicas das proas, provocando coros de pro-

testo pela descaracterização das embarcações.

O presidente da AMIRIA, que admite que o incremento da actividade turística na cidade de Aveiro tem impedido que "os moliceiros desapareçam ainda mais depressa", pede, por isso, cuidado para não "descaracterizar um dos principais símbolos da região" e "mais ajuda das autoridades para a sua preservação".

## Moliceiro a património

O vereador da autarquia aveirense Miguel Fernandes desmente o "boato" de que a Câmara equacione elevar as duas pontes junto ao Centro Comercial Fórum, as tais que, por serem muito baixas, levaram os operadores turísticos a cortar a crista dos moliceiros. "É dispendioso e complexo do ponto de vista técnico. Há soluções mais viáveis, como a remoção e reposição das bicas das proas - há mais de 100 anos que esta prática existe em Aveiro, com recurso a dobradiças - ou o nivelamento do nível das águas através das comportas", explica.

Mas garante a defesa do património e adianta que a Câmara "quer avançar este ano com o processo de classificação do moliceiro como património municipal, no âmbito da regulamentação dos canais urbanos da ria". ■

## Zoom aos barcos

### O QUE SÃO

Embarcações típicas da ria de Aveiro, eram usadas antigamente para apanha do molicho (plantas aquáticas que serviam para adubar os campos agrícolas) e transportar mercadorias. Medem cerca de 15 metros.

### AS PINTURAS

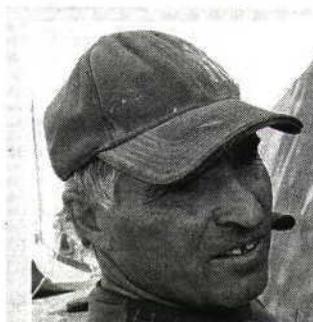
Os motivos humorísticos, brejeiros ou religiosos pintados com cores fortes nas proas são exclusivos dos moliceiros e distinguem-nos de outras embarcações típicas.

### TURISMO

Quatro empresas turísticas promovem passeios nos canais urbanos da cidade e região. Há 12 barcos no total.



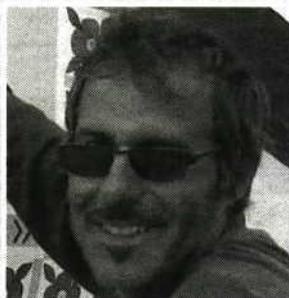
## TRÊS RESISTENTES



**JOSÉ RITO**  
55 ANOS  
PESCADOR

No estaleiro à beira-ria, em Monte Branco, Murtosa, José Rito gasta o tempo que lhe sobeja entre pescarias a construir e arranjar moliceiros. Um saber que,

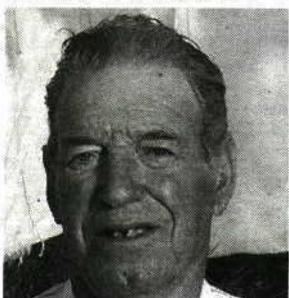
lamenta, se vai perdendo no tempo. "Já somos poucos a saber fazer esta arte". De 55 anos, pele queimada pelo sol e mãos ásperas, vai afagando o casco sob o olhar do neto de 11 anos, José Pedro, a quem ensinou a bolinar. "Um barco novo custa 15 mil euros e, em média, os proprietários gastam cerca de 2 mil euros por ano em conservação de madeiras e pinturas. Recebemos alguns subsídios, mas nem chega para a manutenção. Quem conserva os barcos é pelo gosto. A maioria fica a apodrecer", conta. No último ano reparou dois moliceiros e construiu apenas um, o seu "José Rito", que pretende vender para transportar turistas.



**JOSÉ MANUEL OLIVEIRA**  
42 ANOS  
ARTISTA PLÁSTICO

"Não é fácil imaginar a piada e transformá-la em desenhos brejeiros ou evocações religiosas", que enfeitam e tornam únicos os barcos moliceiros. A tarefa cabe

quase em exclusivo a José Manuel Oliveira, o artista plástico de 42 anos, filho e neto de apanhadores de moliço na Murtosa, que prefere pegar no pincel a correr regatas. Um painel custa cerca de 600 euros. 450 euros vão para as 75 horas de mão-de-obra que José Manuel despense à roda de cada embarcação, o resto é para as tintas. "Dá muito trabalho, mas é um espectáculo ver a ria colorida cheia de moliceiros, ao menos quando há eventos", diz, defendendo que deve ser feito um esforço para manter a matriz original dos barcos. "Em alguns lados estão a ser descaracterizados e isso dá uma imagem errada aos turistas".



**ANTÓNIO SANTOS**  
79 ANOS  
PESCADOR

Passou a vida inteira entre a apanha do moliço e a pesca. António Santos, "Garete" para os amigos, olha do alto dos seus 79 anos para a ria de Aveiro. Cruzou-a

vezes sem conta em cima de um moliceiro e aceita com tristeza que está diferente: "Comecei com 12 anos e só larguei há uma dúzia de anos. Antes havia centenas de moliceiros na água, a trabalhar. Tínhamos de ter cuidado para não chocar uns aos outros. Eram tempos difíceis, mas bons". É noutro desabafo de saudade que conta que vendeu a última embarcação "boa" que tinha e que gostaria de ter deixado a um neto. "la apodrecer antes dele crescer. Assim, o moliceiro vai para o turismo, em Aveiro". Só entre os seus familiares, na Murtosa, conta quatro moliceiros degradados em terra seca. "Não compensa repará-los, é muito caro".